

CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO
COMUNICAÇÃO SOCIAL - RÁDIO & TV

Orientando: Matheus Bosi

Orientador: Guilherme Bryan

**A TRANSFORMAÇÃO DE HOLLYWOOD POR MEXICANOS:
ANÁLISE DA OBRA DE IÑARRITÚ, DEL TORO E CUARÓN**

RESUMO:

Os diretores mexicanos Alejandro Iñárritu, Guillermo Del Toro e Alfonso Cuarón sofrem interferência de Hollywood para produzir seus filmes nos EUA, ou eles se mantêm fiéis aos seus estilos latinos? Usando o livro “Ensaio Sobre a Análise Fílmica”, de Francis Vanoye e Anne Goliot-Leté, foi feita uma análise fílmica comparando a principal obra hollywoodiana de cada um dos diretores com suas produções tidas como mais “autorais”. Chegou-se à conclusão de que, em suma, a essência do trabalho dos cineastas se mantém, mas há variações entre diretores e filmes.

Palavras-chave: Cinema. Filme. México. Hollywood. Diretores. Iñárritu. Del Toro. Cuarón.

ABSTRACT:

The mexican directors Alejandro Iñárritu, Guillermo Del Toro and Alfonso Cuarón undergo an interference of Hollywood when producing their movies on USA, or they keep faithful to their latin stylish? Using the book “Ensaio Sobre a Análise Fílmica”, of Francis Vanoye and Anne Goliot-Leté, was made a movie review comparing the main Hollywood work of each director with their productions taken as authorial. It came to the conclusion that, in short, the essence of the filmmakers' work remains, but with variance between the directors and movies.

Key-words: Movie theater. Movie. Mexico. Hollywood. Directors. Iñárritu. Del Toro. Cuarón

INTRODUÇÃO

O México é o país líder no número de produções cinematográficas na América Latina desde 2005, segundo o livro “Cinema no Mundo”, volume II, de Alessandra Meleiro. Por conta disso, muitos profissionais do cinema surgiram no país na última década e três cineastas acabaram se destacando dos demais no cenário internacional, chegando em Hollywood: Alejandro González Iñárritu, Guillermo Del Toro e Alfonso Cuarón, ganhadores do Oscar de Melhor Diretor em 2015 e 2016; em 2018; e em 2014 e 2019, respectivamente.

Nos EUA, porém, as polêmicas políticas contra imigrantes, adotadas pelo presidente norte-americano Donald Trump, afastam cada vez mais os mexicanos do país norte-americano. Surge, então, um questionamento: estes três diretores latinos estão sendo influenciados por Hollywood, ou eles estão lutando contra o preconceito para firmar a sua maneira de fazer filmes?

Para responder, serão analisados os três últimos longas hollywoodianos de cada um dos três diretores: “O Regresso” (2015), de Iñárritu; “A Forma da Água” (2018), de Del Toro, e “Gravidade” (2013), de Cuarón. A análise de cada diretor se dará em uma área diferente do cinema de acordo com a afinidade de cada um. Alejandro Iñárritu será mais analisado no que diz respeito ao roteiro, devido ao sucesso inicial de suas obras na parceria com Guillermo Arriaga; Guillermo Del Toro terá sua direção de arte posta em análise, tendo em vista que suas obras são marcadas, principalmente, pelo visual de seus monstros; e Alfonso Cuarón será observado mais pela perspectiva da direção com relação ao posicionamento e à movimentação de câmera, característica forte do diretor conhecido pelos seus planos-sequência.

A 6a edição do livro “Ensaio Sobre a Análise Fílmica”, de Francis Vanoye e Anne Goloyate, será o principal referencial metodológico para a análise, auxiliando em pontos como identificação da narrativa e da narração; interpretação sócio-histórica e simbólica e análise de sequência cênica e de um plano para encontrar semelhanças entre os longas hollywoodianos atuais dos diretores e as suas obras mais autorais do passado.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO

No século XX, a América Latina produziu um total de 12.500 filmes, sendo o México responsável por lançar 45% do total das produções (5.500 filmes). É o que aponta o volume 5 do “Dicionário do Cinema Ibero-americano. Espanha, Portugal e América” (SGAE; 2011), de Federico Dávalos Orozco e Perla Ciuk. Na década de 1940, o cinema mexicano viveu sua Época de Ouro, que duraria até a década de 1950 e tornaria o México o maior produtor de filmes em língua hispânica do mundo. Neste mesmo período, o país se declarou formalmente em guerra contra os países que compunham o Eixo na Segunda Guerra Mundial: Alemanha-Itália-Japão, despertando o olhar dos EUA.

Visando uma aproximação com a América Latina, os norte-americanos firmaram, em abril de 1942, um acordo com os mexicanos para apoiar a indústria cinematográfica no México em quatro aspectos: 1) fornecimento de maquinário; 2) ajuda financeira; 3) cooperação de especialistas; e 4) distribuição internacional de filmes. O México, então, passou a liderar as produções de língua espanhola no mundo até a década de 1980.

Entre as décadas de 1980 e 1990, porém, os governos neoliberais mexicanos desmantelaram o domínio cinematográfico do país, justo quando Iñárritu, Del Toro e Cuarón davam seus primeiros passos no audiovisual. O cinema Mexicano só começou a ganhar uma nova vida após a criação do Fundo para a Produção Cinematográfica de Qualidade (FOPROCINE), em 1997, e com a reforma da Lei Federal de Cinematografia em 1999.

Essa retomada fez o México passar de 21 filmes produzidos em 2001 para 53 filmes em 2005, quando se torna líder de produção na América Latina, ultrapassando Brasil (42 filmes) e Argentina (41 filmes), também de acordo com o Dicionário do Cinema Ibero-americano.

2. ALEJANDRO GONZÁLEZ IÑARRITÚ

Alejandro Iñárritu, como é popularmente conhecido, nasceu em 1963 na Cidade do México, no México, e se formou em Comunicação pela Universidade Iberoamericana. Em 1999, ele lançou seu primeiro longa, “Amores Brutos”, que lhe rendeu uma indicação ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro. Em 2003, lançou “21 Gramas”, sua primeira produção norte-americana com grandes nomes de Hollywood - como Sean Penn e Naomi Watts - e do México - Benício Del Toro; em 2005 dirigiu “Babel”, produção milionária gravada em 4 países diferentes (incluindo México e EUA); e, entre 2008 e 2009, produziu “Biutiful”, seu primeiro longa em idioma espanhol desde “Amores Brutos”. Quatro anos depois dirigiu “*Birdman*” (2015), que lhe rendeu o primeiro Oscar de Melhor Diretor e o tornou o primeiro mexicano a levar a estatueta na categoria. Já conhecido do grande público, chegou à direção do aclamado “O Regresso”, filme que deu a ele, de maneira consecutiva, o segundo Oscar de melhor diretor.

2.1 Análise de Obra - Iñárritu e “O Regresso”

“Creio que gosto de explorar o pesar da morte, explorar o observar da morte. Meus filmes não giram em torno da morte, mas acerca da vida, das casualidades da vida.” (IÑARRITÚ, 2011).

Esses parecem ser os três temas que norteiam os roteiros de Alejandro: morte, vida e casualidades. Em meio a isso, o diretor ainda promove quase sempre uma troca cultural - de classe, religião, hábitos ou nacionalidade - através das interrelações de seus personagens. É por conta dessas marcantes características que a análise a seguir focará, principalmente, na maneira de narrar histórias do diretor.

Para entendermos Iñárritu, analisaremos “O Regresso”, comparando-o principalmente com “Amores Brutos”, que, além de ser seu primeiro filme, ocupa a 34ª posição na lista dos 1000 Melhores Filmes de Todos os Tempos do The New York Times.

“O Regresso” - do original “The Revenant” - se passa em 1823 e conta a história de Hugh Glass (Leonardo Dicaprio), um comerciante de peles do Velho Oeste que, após ser atacado por um urso durante uma expedição, é deixado por seu companheiro, John Fitzgerald (Tom Hardy), para morrer. Hugh fica debilitado, mas sobrevive. Motivado pela vingança, ele enfrenta um terrível inverno enquanto tenta rastrear seu antigo companheiro.

A narrativa do longa é quase totalmente cronológica e linear, mas lembra um pouco a fórmula que consagrou Iñárritu e o roteirista Guilleramos Arriaga no começo dos anos 2000, quando “Amores Brutos”, “21 Gramas” e “Babel” apresentavam histórias paralelas que se conectavam em um momento chave do roteiro.

Em “Amores Brutos” há três histórias: a de Otávio, o dono do cão; a de Daniel, o empresário; e a de Chivo, um catador e assassino de aluguel. Elas começam sem nenhuma ligação aparente, mas acabam ‘se encontrando’ em determinado momento do roteiro. Em “O Regresso” vemos também três sequências narrativas diferentes: a do protagonista Hugh; a dos norte-americanos Fitz e Jim; e a da tribo dos indígenas Arikaras, só que, ao invés de começarem separadas, elas iniciam juntas, se separam após o ataque da tribo dos Arikaras - logo no início do filme - e voltam a se conectar no final do longa.

O tema vida e morte, presente nos longas de Iñárritu, ganha mais destaque na narrativa do protagonista Hugh Glass. O personagem, mesmo à beira da morte, encontra forças para sair da cova em que foi largado por Fitz e Jim e ‘renascer’ em busca de vingança pela morte de seu filho. A partir daí, a jornada que se inicia promove uma reconexão com a vida e seus valores. “...queria que as pessoas experimentassem o que sente alguém que perdeu tudo. Sentia-me atraído em mostrar o silêncio na natureza e a interação do homem com a natureza. Explorar o que leva um homem a sobreviver.” (IÑARRITÚ, 2016).

É através desse processo de ressignificação da vida que vemos algumas trocas culturais, característica nitidamente identificável também em “Amores Brutos”, “21 Gramas”, “Babel” e “Biutiful”. Em “Amores Brutos”, por exemplo, nos deparamos com três classes sociais diferentes e os problemas que cercam cada uma. Já em “Babel”, a narrativa dá maior enfoque nas disparidades do dia a dia de marroquinos, japoneses, norte-americanos e mexicanos. As diferenças culturais também são vistas em “O Regresso”, nas relações entre norte-americanos e indígenas.

A troca de aprendizado entre culturas pode ser vista em uma cena do segundo ato, quando Hugh faz amizade com o índio Hikuc, o indígena o ensina uma das principais lições de sua jornada, a de que “a vingança está nas mãos do Criador”. É essa passagem que fará com que Glass decida não matar Fitz ao final do filme, entendendo que a vingança não cabe a ele - uma clara valorização da vida e de troca de conhecimentos. Além disso, Hugh, embora fosse americano, era casado com uma indígena, representando a miscigenação entre povos - que daria origem à população dos EUA.

O casamento entre eles é proposital e faz uma crítica direta, em 2016, àquele que se tornaria presidente dos Estados Unidos, Donald Trump.

Como artista, só posso ser fiel a mim mesmo e às minhas circunstâncias. E essas são as de um mexicano que mora há 15 anos nos EUA (...) joguei com as raças, refleti sobre o racismo no meu filme. A pureza da raça, como diz Trump, é uma masturbação doente e inexistente: a natureza é uma orgia de misturas. Todos temos sangue de todos. (IÑARRITÚ, 2016)

Iñárritú deixa claro que seu produto audiovisual traz uma mensagem e a sua visão de mundo. A declaração dele também reforça o conceito apresentado em “Ensaio Sobre a Análise Fílmica”, de que um filme sempre traz consigo momentos atuais da sociedade, não importando se a obra em questão é de época ou não.

A hipótese diretriz de uma interpretação sócio-histórica é de que um filme sempre “fala” do presente (ou sempre “diz” algo do presente, do aqui e do agora de seu contexto de produção). O fato de um filme ser histórico ou de ficção científica nada muda no caso. (VANOYE e GOLLOT-LETE, 2011. p. 55)

3. GUILLERMO DEL TORO

Guillermo Del Toro nasceu em 1964, em Guadalajara, no México. Estudou no Centro de Investigação e Estudos Cinematográficos, e foi aprendiz de Dick Smith, maquiador de “O Exorcista” (1973). Após alguns trabalhos, ele ficou parado por alguns anos, o que o levou a

criar a Cha Cha Cha Films junto com seus amigos Alfonso Cuarón e Alejandro González Iñárritu. Mesmo a produtora sendo desfeita tempos depois, a amizade entre os três permaneceu.

Dirigiu seu primeiro longa, “Cronos” (1993) e foi para os EUA, onde teve uma rápida e traumática passagem ao dirigir “Mutações” (1997). De lá foi para a Espanha dirigir “A Espinha do Diabo” (2001). Novamente com um sucesso em mãos, é convidado para dirigir o norte-americano “Blade II” (2002). Na sequência veio sua grande obra, a co-produção mexicana e espanhola “O Labirinto do Fauno” (2006), que o consagrou e o levou a um novo patamar, tornando-o um nome forte em Hollywood. O auge de sua carreira veio em 2018, quando ganhou o Oscar de Melhor Diretor pelo norte-americano “A Forma da Água”.

3.1 Análise de Obra - Del Toro e “A Forma da Água”

Guillermo Del Toro é um diretor conhecido, principalmente, por combinar o horror e o belo em obras audiovisuais repletas de monstros, seres místicos, fantasmas e até robôs gigantes. Muito de seu sucesso está atrelado à premiada qualidade visual de suas obras, creditadas à Direção de Arte/Design de Produção e à maquiagem, por isso este será o fator principal da análise que se dará a seguir. “O Labirinto do Fauno”, por exemplo, venceu os Oscars de Melhor Direção de Arte e Melhor Maquiagem e foi indicado a Melhor Filme Estrangeiro. O estilo visual de Del Toro está diretamente relacionado à sua nacionalidade e às suas referências cinematográficas.

Em meu país existe uma tendência à fabulação, o que chamamos de *alebrijes*: mundos fantásticos que se aproximam do mágico o máximo possível. Cresci nos anos sessenta, vendo o cinema fantástico da Universal e o de terror da Hammer, assim como uma enorme invasão de caricaturas e filmes de ficção científica japoneses (DEL TORO, 2018)

Visualmente, “A Forma da Água” fez o mesmo sucesso dos longas que o precedem. O filme levou o Oscar de Melhor Design de Produção e foi indicado em Melhor Maquiagem, além de vencer o Oscar de Melhor Filme. Porém, para ver se o longa contém realmente as características de Del Toro, iremos compará-lo, principalmente, com “O Labirinto”.

“A Forma da Água” - “The Shape of Water” - se passa durante o período da Guerra Fria, mais precisamente na década de 1960, e mostra Eliza (Sally Hawkins), uma zeladora muda de um laboratório secreto dos EUA que se relaciona com um ser meio anfíbio e meio humanóide (interpretado por Doug Jones). Seu amor pelo monstro a faz querer ajudá-lo, o libertando do laboratório e o devolvendo ao seu habitat.

Eliza é uma mulher incompreendida e infeliz em sua rotina. Ela parece escutar a todos que a rodeiam, mas não tem ninguém que a ouça. Assim como Eliza, Ofélia, personagem principal de “O Labirinto”, também tem problemas para aceitar a realidade, construção essa que faz parte dos protagonistas de Del Toro. “Em quase todos os meus filmes cada ser é incompleto em separado. Quando nos unimos nos completamos. A união leva à autoaceitação e dá força aos diferentes, que por sua condição são invisíveis ao mundo.” (DEL TORO, 2018).

Se Ofélia só encontra a felicidade ao morrer e voltar para o seu reino, a realização de Eliza é em vida. Ao se relacionar com o ‘Homem-Peixe’, ela se sente ouvida pela primeira vez, sendo completada à medida que sua relação com a criatura vai ficando mais íntima. O amor entre eles retrata também a humanidade e sensibilidade que o “monstro” possui.

Essa resignificação da personalidade das criaturas é outra característica do diretor, podendo ser vista desde “A Espinha do Diabo” quando, logo na abertura, o narrador questiona a ideia de “o que é um fantasma?”. Em contrapartida, nas obras de Del Toro há quase sempre um humano detentor da verdadeiramente monstruosa; é o caso do Coronel Richard Strickland em “A Forma”, de Lady Lucille em “A Colina Escarlate”; do Capitão Vidal em “O Labirinto” e de Jacinto em “A Espinha”.

(um filme) constrói um mundo possível que mantém relações complexas com o mundo real: pode ser em parte o seu reflexo, mas também pode ser sua recusa (ocultando aspectos importantes do mundo real, idealizando, amplificando certos defeitos, propondo um contramundo etc.) (VANOYE e GOLLOT-LETE, 2011. p. 56)

“A Forma da Água” também se conecta com seus antecessores em suas cores. O diretor reutiliza o azul, muito presente na fotografia das cenas noturnas de “A Espinha” (ANEXO A, imagem 1) e de “O Labirinto” (ANEXO A, imagem 2), para compor a Direção de Arte do longa em análise. O azul é a cor símbolo de Eliza (ANEXO A, imagem 3) e da sua maneira única de se relacionar com seu amor (o anfíbio). Já os demais casais, quando aparecem juntos, são cercados por objetos da cor amarela (ANEXO A, imagem 4), que simboliza os problemas em comum que todos eles carregam. O amarelo é outra cor que Del Toro traz na fotografia de seus filmes passados. Em “A Espinha” ele é a cor vista mais comumente com os humanos e nos problemas “mundanos” (ANEXO 3, imagem 5) e em “O Labirinto” ele é usado nos momentos lúdicos de Ofélia, tais como a cena embaixo da árvore e o seu reino (ANEXO B, imagem 6), no final. “Essa leitura simbólica geralmente é solicitada pelo fato de o universo diegético, o “mundo possível” construído pelo filme, ser fortemente afastado de qualquer mundo real passado.” (VANOYE e GOLLOT-LETE, 2011. p. 60).

Dentre os simbolismos trazidos por Del Toro no longa, há uma crítica ao preconceito ao diferente que conversa diretamente com o atual momento político dos EUA.

“Vocês devem saber uma coisa, eu sou mexicano e sou imigrante (...) hoje te dizem que somos diferentes, que você não deve confiar nos outros, que só deve confiar no sistema. Isso é mentira (...) Acredito que diante disso devemos nos opor com a arte. Por isso uso o meu cinema para explicar a sociedade. Veja, em uma primeira versão, “A Forma da Água” se intitulava “A Forma da Água – Um Conto de Fadas em Tempos Problemáticos” (DEL TORO, 2019)

4. ALFONSO CUARÓN

Alfonso Cuarón, também natural da Cidade do México, nasceu em 1961 e cursou Cinema no CUEC (Centro Universitário de Estudos Cinematográficos), mas foi expulso da faculdade antes de se graduar. Ele se tornou pai e foi trabalhar de zelador em um museu para sustentar a família. Em 1991 tomou a iniciativa de escrever o longa “Amor em Tempo de Histeria”, financiado pela I.M.C.I.N.E. (Instituto Mexicano de Cinematografia).

Após alguns trabalhos nos EUA, assinou contrato com a Warner Bros. e com a Twentieth Century Fox, dirigindo “A Princesinha” (1995) e “Grandes Esperanças” (1998). Após ser criticado, voltou para o México e rodou “E Sua Mãe Também” (2001), que novamente lhe deu destaque. Foi convidado para dirigir “Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban” em 2004 e depois assinou novamente um contrato de três anos com a Warner Bros., realizando “Filhos da Esperança” (2006). Seu auge veio ao receber o Oscar de Melhor Diretor em 2014, com o filme “Gravidade”. Anos mais tarde, quebrou barreiras ao vencer novamente o prêmio, em 2019, com “Roma”, o primeiro filme original de um serviço de streaming (Netflix) a proporcionar um Oscar de Melhor Diretor.

4.1 Análise de Obra - Cuarón e “Gravidade”

Alfonso Cuarón possui em seu currículo obras diversas, tais como um “capítulo” de uma das maiores franquias do cinema, uma trama quase apocalípticas, uma ficção científica e um longa semi autobiográfico, mas foi o drama “E Sua Mãe Também” que o revelou para o mundo, e foi o drama “Roma”, seu longa mais recente, que o fez se reencontrar com suas origens. “É meu filme mais pessoal. Tem muito de autobiográfico, também, e eu tenho a impressão de que toda a minha vida e carreira foi uma preparação para chegar aqui”. (CUARÓN, 2018). “Roma”, porém, não será objeto de análise ter sido feito por um grande estúdio hollywoodiano e fugir dos padrões estipulados para os outros dois diretores, dando lugar para “Gravidade”, distribuído

pela Warner Bros. e vencedor de 7 Oscars. O foco da análise será a direção do cineasta com ênfase na maneira como o diretor conduz a câmera, característica forte dele.

“Gravidade” - ou “Gravity”, no original - nos mostra a astronauta novata Ryan Stone (Sandra Bullock) e o veterano do espaço Matt Kowalski (George Clooney) à deriva na galáxia após perderem contato com a Terra e terem sua nave completamente destruída. Ambos precisam encontrar uma maneira de voltar para a Terra, mas a situação se agrava quando Matt se sacrifica para salvar Ryan, deixando a jovem sozinha na missão de voltar para casa.

“Gravidade” foi um filme complexo de se fazer por conta da recriação do espaço sideral e o cuidado em não transgredir as leis da física, o que, para Cuarón, foi um grande atrativo.

Se eu sei como vou fazer um filme, não me interessa fazê-lo (...) O que me desafia é a curiosidade pelo desconhecido. A curiosidade de saber que eu tenho uma visão do filme que quero fazer, mas não tenho ideia de como fazê-lo (...) Por isso acredito que todos os filmes que fiz são muito diferentes uns dos outros. (CUARÓN, 2019)

Mesmo sendo diferentes, os longas do diretor conversam entre si, principalmente na hora de usar a câmera. Cuarón é um cineasta que dá muita atenção aos movimentos enquanto filme, pensando sempre em como eles irão agregar à narrativa. Em “Gravidade”, para compor a sensação de estar no espaço, a câmera parece flutuar e girar imitando a sensação de gravidade zero, ambientando mais ainda quem está assistindo. Em “Roma”, por exemplo, a câmera também ajuda a compor o tom da história com uma incomum frequência do movimento de pan, que dá ao público a sensação de estar escondido em um canto, sendo o espectador das memórias do diretor.

Outra recurso de câmera muito usado por Cuarón é o de transmitir, para quem assiste, percepção do personagem principal em cena. Em “Gravidade”, quando Matt Kowalski está se afastando de Ryan em direção à morte, nós apenas conseguimos ouvir o que o astronauta está dizendo pois é o que Ryan ouve em seu comunicador; já a única imagem de Matt que há em tela é a que Stone vê: um pequeno ponto branco se afastando, à deriva no espaço (ANEXO B, Imagem 7) . Escolha semelhante foi feita em “A Princesinha”, onde a câmera está quase sempre baixa, na altura dos olhos da menina, dando a sensação de que estamos vendo todos acontecimentos através da sua percepção (ANEXO B, imagem 8)

A direção de Cuarón também é conhecida pelos seus planos-sequência. “Filhos da Esperança” conta com uma cena de aproximadamente 4min10s que é apontada pelo Collider - tradicional site norte-americano de cinema - como uma das melhores de todos os tempos. “Gravidade” usa desse recurso em diversos momentos também, mas o destaque aqui fica para a cena do primeiro

“ataque” dos destroços espaciais (3min20s de duração), que se assemelha muito à cena de “Filhos da Esperança” já que ambas começam com um sentimento alegre e otimista e encerram com uma sensação de desespero.

Com relação aos retratos de suas origens, Cuarón não traz à tona questões ligadas à América Latina durante “Gravidade”, ao invés disso opta por explorar as relações internacionais entre países ao colocar Ryan, uma astronauta norte-americana, usando uma nave russa para chegar a uma base espacial chinesa e, só assim, conseguir voltar para a Terra.

Embora mantenha algumas características próprias em todos seus filmes, Alfonso parece ser, dentre os três diretores, o que mais sente a mudança de ares: “Não faria (o longa “Roma”) se não tivesse essa vivência em Hollywood (...) Eu precisava me reconectar às minhas raízes e, para falar de quem sou, teria de falar de onde venho” (CUARÓN, 2018).

Esse distanciamento do México parece se dar, justamente, pela influência dos estúdios hollywoodianos em suas produções, seja em maior ou menor escala, já que ele mesmo parece admitir que é difícil dar vida a uma obra 100% autoral na indústria cinematográfica.

“Não acho que se adaptar à indústria é algo necessariamente bom (...). Para mim, tem a ver com sobrevivência. Admiro os diretores que decidiram ir contra a maré e seguir suas próprias regras. Fiz isso também, de certa maneira. Não gostaria de trabalhar em um filme que não fosse meu”. (CUARÓN, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os três diretores, embora sejam mexicanos de uma mesma geração, possuem estilos próprios de fazer cinema e, assim como seus filmes são diferentes, suas experiências em Hollywood também são. Logo, é impossível chegar a uma conclusão generalista sobre a influência ou não que eles sofrem nos EUA. É notável que todos têm características únicas que os norteiam e que estão presentes em praticamente todos os seus filmes, mas é impossível dizer que todos os longas deles são 100% autorais, da mesma forma que também não dá para afirmar que um filme do trio deixa de ser autoral se receber algum pitaco de algum grande produtor hollywoodiano.

Todos possuem “pontos fora da curva” com relação aos seus longas feitos na capital do cinema norte-americano. “Birdman” não aborda a troca cultural promovida sempre por Iñárritu; “Círculo de Fogo” (2013) deixa de lado os efeitos práticos que Del Toro tanto preza para ser feito quase totalmente por computação gráfica; e “Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban” é a adaptação de um livro que Cuarón considerou nem sequer ler, conforme revelou à Variety

2018. O segredo, entretanto, entre uma obra autoral e uma encomendada parece estar no quanto se deve dar ouvidos aos grandes estúdios.

Iñárritu e Del Toro parecem saber dosar melhor a influência externa e entregar filmes que, embora se diferenciem em partes das obras do início de suas carreiras, são facilmente identificáveis como produtos feitos por eles. Alejandro traz consigo quase sempre uma temática repleta de críticas sociais e a ligação com a vida e a morte, enquanto Guillermo quase nunca abre mão do visual excêntrico de seus filmes e da ressignificação do papel dos monstros neles.

As declarações de Cuarón distanciam o diretor dos dois colegas por passarem a impressão de que ele é um diretor mais adaptável à vontade dos estúdios de Hollywood. Parece que o cineasta traça uma linha imaginária que separa bem seus projetos hollywoodianos - “Filhos da Esperança” e “Gravidade” - dos seus longas mais autorais. Essa diferenciação, porém, não tira a qualidade de suas obras e nem abafa o que o diretor tem a dizer, já que “Roma” - seu filme mais pessoal - conseguiu conquistar espaço no Oscar mesmo não tendo sido exibido no circuito tradicional de cinemas.

No fim das contas, os três diretores não abdicaram de seus estilos para se manterem vivos na indústria hollywoodiana e não se silenciaram perante o que não concordam. Cuarón, por exemplo, se postou contra a decisão da Academia de passar a premiação de algumas categorias do Oscar 2019 para o momento do intervalo.

Os filmes que são indicados ao Oscar são os mais amplamente vistos hoje, mas isso me faz pensar no restante dos filmes que não agradam à Academia; os filmes mais desafiadores que não se encaixam na narrativa da indústria ou do mercado mais amplo. Por exemplo, o filme *A Região Selvagem* (*La Región Salvaje*), do diretor mexicano Amat Escalante (...) O filme teve de esperar dois anos para ser distribuído no México. E há tantos outros filmes que foram afetados pela mesma hegemonia que tem impacto na distribuição. (CUARÓN, 2019)

Os três diretores também são amigos e estão sempre em contato, dando palpites que influenciam as produções uns dos outros (conforme relatou o *El País*). Isso prova a importância que eles dão à opinião daqueles que possuem origens e vivências similares, coisa que colegas norte-americanos não tem. Essa vontade deles de deixar clara sua maneira de fazer cinema e a coragem de não se calarem perante o que acham errado vem transformando a indústria cinematográfica norte-americana. Os três diretores mexicanos são, hoje, uma hegemonia em Hollywood. “Temos que ser estranhos, ir ao mais profundo do nosso interior. Somente se formos honestos e autênticos com nossas almas merecemos ser quem realmente somos.” (DEL TORO, 2019).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Livros

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. Ensaio sobre a análise fílmica. 6 ed. São Paulo: Papirus Editora, 2011.

MELEIRO, Alessandra. Cinema no Mundo. América Latina - Volume II. São Paulo: editora Escrituas, 2007.

2. Publicações na Internet

Alejandro González Iñárritu. **IMDb.** Disponível em: <<https://www.imdb.com/name/nm0327944/>> Acesso em 20/01/2019.

O Regresso (2015). **IMDb.** Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt1663202/?ref_=nm_filmg_prd_2> Acesso em 22/01/2019.

21 Gramas (2003). **IMDb.** Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0315733/?ref_=nm_filmg_prd_12> Acesso em 02/01/2019

Amores Brutos (2000). **IMDb.** Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0245712/?ref_=nm_filmg_prd_14> Acesso em 02/01/2019

MILLER, Gustavo. Meus filmes não são sobre a morte, são sobre a vida', diz Alejandro Iñárritu. **G1.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2011/01/meus-filmes-nao-sao-sobre-morte-sao-sobre-vida-diz-alejandro-inarritu.html>> Acesso em 02/12/2018.

YAGÜE, Gregorio Belinchón. Iñárritu: "Tenho uma atração pelo intenso". **El País.** Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/16/cultura/1452961893_293098.html> Acesso em: 05/01/2019

ABBADE, Mario "Fanaticc". Omelete entrevista Alejandro González Iñárritu, diretor de Babel. **Omelete.** Disponível em: <<https://www.omelete.com.br/filmes/omelete-entrevista-alejandro-gonzalez-inarritu-diretor-de-babel>>. Acesso em 05/01/2019

OROZCO, Federico Dávalos; CIUK, Perla. Dicionário do Cinema Ibero-americano. Espanha, Portugal e América; SGAE, 2011; Volume 5, págs. 698-724. Disponível em: <<http://ibermediadigital.com/pt/ibermedia-television/contexto-historico/historia-do-cinema-mexicano/>> Acesso em: 06/02/2019

The New York Times Guide to the Best 1,000 Movies Ever Made. **IMDb.** Disponível em: <<https://www.imdb.com/list/ls058705802/>> Acesso em: 10/08/2019.

Guillermo del Toro. **IMDb.** Disponível em: <https://www.imdb.com/name/nm0868219/?ref_=nv_sr_1?ref_=nv_sr_1>. Acesso em: 01/08/2019.

O Labirinto do Fauno (2006). **IMDb.** Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0457430/?ref_=nv_sr_1?ref_=nv_sr_1> Acesso em 01/08/2019.

A Forma da Água (2017). **IMDb.** Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt5580390/?ref_=nm_filmg_wr_9> Acesso em: 01/08/2019.

EntrePlanos. Os Segredos de "A Forma da Água". **Youtube.** Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=I7sgvZkCc4Y>> Acesso em: 11/08/2019

EntrePlanos. Guillermo del Toro: A Beleza do Horror. **Youtube.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=53Hnt0vDUkQ>> Acesso em: 11/08/2019

Nerdovski. GUILLERMO DEL TORO, UMA AULA DE CINEMA!. **Youtube**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Z97fKJO7pfw>> Acesso em: 11/08/2019

SABBADINI, Andrea. O labirinto do Fauno. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 47, n. 87, p. 287-294, dez. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352014000200019&lng=pt&nrm=iso> acesso em 11/08/2019.

COCINA, Carmen. Guillermo del Toro: “A violência espiritual, física e moral que a família exerce à criança é o germe do horror”. **El País**. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/02/cultura/1514913445_655632.html> Acesso em: 11/08/2019.

YAGÜE, Gregorio Belinchón. Guillermo del Toro: “Os dogmatismos me aterrorizam”. **El País**. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/07/cultura/1565195012_050898.html> Acesso em: 12/08/2019.

NÁJAR, Alberto. Oscar 2018: Guillermo del Toro, o mexicano fã de monstros consagrado com a estatueta de melhor diretor. **BBC**. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-43247105>> Acesso em: 12/08/2019.

MORENO, Carolina. Guillermo Del Toro On How He Balances The Dark With The Good: 'I'm Mexican'. **Huffpostbrasil**. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/entry/guillermo-del-toro-mexican_n_5a551394e4b0efe47ebdaa32> Acesso em: 14/08/2019.

Alfonso Cuarón. **IMDb**. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0256009/?ref_=nm_filmg_dr_17> Acesso em: 18/08/2019.

Gravidade (2013). **IMDb**. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt1454468/?ref_=nm_filmg_wr_6> Acesso em: 18/08/2019.

Filhos da Esperança (2006). **IMDb**. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0206634/?ref_=nm_filmg_wr_9> Acesso em: 18/08/2019.

E Sua Mãe Também (2001). **IMDb**. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0245574/?ref_=nm_filmg_wr_11> Acesso em: 18/08/2019.

Roma (2018). **IMDb**. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt6155172/?ref_=nm_filmg_wr_3> Acesso em: 18/08/2019.

YAGÜE, Gregorio Belinchón. A resiliência que colocou Cuarón na trilha do Oscar. **El País**. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/30/cultura/1548861027_440655.html> Acesso em: 18/08/2019.

PAYÁN, Marco. Não preste atenção em Cuarón. **Red Bull**. Disponível em: <<https://www.redbull.com/br-pt/alfonso-cuaron-fala-sobre-roma>> Acesso em: 18/08/2019.

Vogue México. Vogue conversa com o diretor do filme "Roma", Alfonso Cuarón. **Vogue**. Disponível em: <<https://vogue.globo.com/lifestyle/cultura/noticia/2019/02/vogue-conversa-com-o-diretor-do-filme-roma-alfonso-cuaron.html>> Acesso em 18/08/2019.

MERTEN, Luiz Carlos. Alfonso Cuarón fala de sua necessidade visceral de fazer 'Roma'. **Estadão**. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/cinema,alfonso-cuaron-fala-de-sua-necessidade-visceral-de-fazer-roma,70002657805>> Acesso em: 18/08/2018.

FORMO, Bryan. The 10 Greatest Long Takes Before ‘Children of Men’ Changed the Game. **Collider**. Disponível em: <<http://collider.com/best-long-takes-movies-children-of-men/>> Acesso em: 20/08/2019

GENESTRETI, Guilherme. Diretor de 'Roma' diz que não poderia fazer o filme sem vivência em Hollywood. **Folha de SP**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/12/diretor-de-roma-cuaron-diz-que-quis-falar-de-cicatrizes-compartilhadas.shtml>> Acesso em: 20/08/2019

PATRINI, Vitor. Alfonso Cuarón revela que Guillermo del Toro o obrigou a ler Harry Potter antes de dirigir O Prisioneiro de Azkaban. **Adoro Cinema**. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-143023/>> Acesso em: 07/09/2019.

A Espinha do Diabo - Photo Gallery. **IMDb**. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0256009/mediaindex?page=1&ref_=ttmi_mi_sm>. Acesso em: 09/09/2019.

O Labirinto do Fauno - Photo Gallery. **IMDb**. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0457430/mediaindex?page=2&ref_=ttmi_mi_sm> Acesso em: 09/09/2019.

A Forma da Água - Photo Gallery. **IMDb**. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt5580390/mediaindex?page=1&ref_=ttmi_mi_sm> Acesso em: 09/09/2019.

The Shape of Water Photos. **Rotten Tomatoes**. Disponível em: <https://www.rottentomatoes.com/m/the_shape_of_water_2017/pictures> Acesso em: 09/09/2019.

Gravity - Clip (3/11): Matt Kowalski's Death. **Youtube**. Disponível em: ><https://www.youtube.com/watch?v=DYDaIyfitn8>> Acesso em: 09/09/2019.

A Princesinha - Photo Gallery. **IMDb**. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0113670/mediaindex?ref_=tt_pv_mi_sm> Acesso em: 09/09/2019.

ANEXO A

(Imagem 1: A Espinha do Diabo, 2001. Fonte: IMDb)



(Imagem 2: O Labirinto do Fauno, 2006. Fonte: IMDb)



(Imagem 3: A Forma da Água, 2017. Fonte: Rotten Tomatoes)



(Imagem 4: A Forma da Água, 2017. Fonte: IMDb)

ANEXO B



(Imagem 5: A Espinha do Diabo, 2001. Fonte: IMDb)



(Imagem 6:, 2006. Fonte: IMDb)



(Imagem 7: Gravidade, 2013. Fonte: Youtube)



(Imagem 8: A Princesinha, 1995. Fonte: IMDb)